

Por uma Masculinidade Cuir¹

Sergio Eduardo Nick,² Rio de Janeiro

Resumo: Com o propósito de estudar as várias transformações culturais ocorridas na noção de masculinidade, o autor faz um recorrido por termos como Masculinidade Tóxica, Masculinidade Positiva, Masculinidade Hegemônica, e Masculinidade Frágil, para desembocar na proposição que Brito faz de uma Masculinidade Cuir (ou Queer). Esta proposta se ancora numa tentativa, já formulada por vários autores psicanalíticos, de se contrapor ao binarismo próprio de alguns postulados para afirmar marcos fundadores baseados na pluralidade, na imprevisibilidade e no descentramento de um percurso analítico. Nesse sentido, busca-se um aprofundamento da distinção diferença/diversidade/multiplicidade como base para uma escuta analítica que permita a emergência de um sujeito alheio a definições fixas e cristalizadoras. A noção de Masculinidade Cuir, além de advir de uma cultura mais descolonizada, propõe uma amplificação do desejo, como própria do ser humano, passível de acolher dentro de si, as inúmeras contradições identitárias que o constituem. Estes postulados estariam de acordo com uma escuta analítica própria do sujeito descentrado, capaz de constituir efetivas possibilidades de sublimação e de criação, através da construção de uma forma singular de existência e de um estilo próprio para habitar seu ser.

Palavras-chave: masculinidade, queer, psicanálise, estudos de gênero, diversidade

- 1 Trabalho apresentado na mesa “Masculinidades hoje” da Jornada Latino-Americana do Cowap 2021 – Psicosexualidade hoje: aportes psicanalíticos – Cowap/SBPPSP/Cowap Latinoamérica em 2 de outubro de 2021.
- 2 Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Pós-graduado em Psiquiatria e Psicoterapia da Criança e do Adolescente pela Clínica de Orientação à Criança da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-graduado em Direito Especial da Criança e do Adolescente pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro (UERJ).

O instigante título desta mesa nos faz pensar sobre o masculino, e, por renitência, o homem. Se por um lado a Psicanálise, desde o princípio, demonstrou que nem o feminino se refere apenas à mulher, nem o masculino ao homem, a norma comum tende a fazer este tipo de aproximação. Aliás, penso que justo a revolução cultural pós-feminismo e as contribuições psicanalíticas foram responsáveis por um forte esgarçamento das noções de homem e mulher, bem como das definições de gênero que causaram a adesão de tantos conservadores às pautas anti-LGBTQIA+ da ultra-direita. Deste modo, pensar as masculinidades hoje vem bem a propósito, pois nos permite alinhar algumas idéias do ambiente cultural com o que seria próprio da clínica psicanalítica e suas teorias.

De acordo com Verztman, Cubria e Navega (2022), a psicanálise:

precisa continuar atenta sobre o impacto de binarismos sexuais datados, impostos normativamente. Apesar do seu apelo oscilante desde o início da obra de Freud, certamente tal binarismo caminha na contramão de nossos marcos fundadores, os quais afirmam a pluralidade, a imprevisibilidade e o descentramento de um percurso analítico. (p. 182)

Os autores enfatizam a importância do aprofundamento da “distinção diferença/diversidade/multiplicidade” como base para uma escuta analítica que dê “um panorama mais bem acabado para a distinção entre gênero, sexo e *Sexual*” (Verztman, Cubria & Navega, 2022). Importante ressaltar que o termo *Sexual*, com letra maiúscula, foi cunhado por Laplanche (2003/2015), tendo sido a opção de tradução de *sexuel*, termo que aponta para algo que estaria alocado entre gênero e sexo. Vamos ouvir as esclarecimentos de Laplanche:

O gênero é plural. É geralmente duplo, com o masculino-feminino, mas não o é por natureza. É muitas vezes plural, como na história das línguas e na evolução social. O sexo é dual. Ele o é pela reprodução sexuada e também por sua simbolização humana, que fixa e engessa a dualidade em presença/ausência, fático/castrado. O *Sexual* é múltiplo, polimorfo. Descoberta

fundamental de Freud que encontra seu fundamento no recalçamento, no inconsciente, no fantasma. É o objeto da psicanálise. Proposição: O Sexual é o resíduo inconsciente do recalçamento-simbolização do gênero pelo sexo. (Laplanche, 2003/2015 p. 155)

Bem, se o gênero decorre dos ensinamentos freudianos sobre a identificação na construção do Eu, cabe-nos lembrar que somos fruto das identificações masculina e feminina com o pai e com a mãe. Dependendo da prevalência dessas identificações em cada uma das figuras parentais, o Eu nascituro terá características que ultrapassam e extrapolam seu sexo biológico. Se acrescentarmos aí o seu narcisismo, ou sua forma de se relacionar com cada uma dessas figuras parentais, temos um conglomerado complexo e único a cada sujeito. A isso se soma:

a construção das identificações sexuadas, concomitantemente no plano social e biológico, por conta de este remeter a uma discursividade. Trata-se de uma construção social desnaturalizada, a partir de um processo de relações, diga-se, relações de poder. (Ayouch, 2019, p. 158)

Ayouch propõe uma hibridação do discurso psicanalítico com os estudos de gênero, que teria como objetivo abrir as portas para considerar tanto as mutações antropológicas da contemporaneidade quanto os rearranjos em constante mudança referentes às formas de aliança, de filiação e de sexuação. Com esse objetivo em vista, será possível estabelecer um questionamento contínuo da naturalização do gênero em determinados discursos psicanalíticos (Ayouch, 2019).

Redefinindo a questão em termos linguísticos, Lacan trabalha com uma conceituação de sexos majoritariamente sintática e não semântica, ou seja, o que estaria em jogo seriam a função e a relação entre o masculino e o feminino enquanto estruturas dentro de um todo e, portanto, suas definições não poderiam ser descritas *per se*, enquanto significados absolutos.

É com base no exposto acima que proponho aqui pensar as Masculinidades como uma matéria urgente e necessária, visto que os estudos,

nas últimas décadas, se centraram na feminilidade, assimetria que pode ter a consideração implícita de uma masculinidade essencial ou natural, ignorando a dimensão de construção dessa categoria (Muszcat, 2006).

A Masculinidade pode ser definida como qualidade de masculino ou de másculo.

Segundo a nossa Wikipédia:

Masculinidade é um conjunto de atributos, comportamentos e papéis geralmente associados a meninos e homens. A masculinidade é construída socialmente, mas composta por fatores tanto social quanto biologicamente definidos, distintos da definição do sexo biológico masculino. Ambos os homens e mulheres podem exibir traços e comportamentos masculinos.

Temos hoje, portanto, uma discussão social bastante abrangente, no mundo ocidental, sobre o papel do homem na sociedade, bem como dos tipos de masculinidade existentes. Desta forma, proponho-me a apresentar, a seguir, alguns dos tipos de masculinidade que foram discutidos na literatura sobre o tema nos últimos anos.

A Masculinidade Hegemônica é uma proposta amplamente aceita e defendida por Connell em seu clássico estudo *Masculinities* (1995). Ela foi entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, e ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. Por outro lado, Connell e Messerschmidt (2013), propõem que:

ao mesmo tempo que acolhemos muitas das aplicações e das modificações do conceito de masculinidade hegemônica como contribuições à compreensão

das dinâmicas de gênero, rejeitamos aqueles usos em que ficou implícito um tipo fixo de caráter ou um conjunto de traços tóxicos. (p. 273)

Este conceito não deve se confundir com o de Masculinidade Positiva, que, segundo Asrieh (Jus Brasil, 2021) refere-se a uma masculinidade que não se restringe ao estereótipo de homem que foi alimentado por longos anos na nossa sociedade. Segundo o autor:

Através de um processo de desconstrução desse estereótipo, e da identificação de outras possibilidades de comportamentos e posturas diante das situações do mundo atual, acreditamos que os homens podem buscar novas possibilidades de agir na sociedade, e que acabam levando a uma relação mais saudável do homem consigo mesmo e com o meio em que convive. (Aarieh, 2021)

Críticas ao machismo e às masculinidades opressivas construíram conceitos como a Masculinidade Tóxica, uma forma muito tradicional de “ser homem”, recorrentemente imposta na formação de meninos e jovens e que hoje, mais do que nunca, sabe-se que gera violência e desordem emocional tanto para mulheres como para os próprios homens (Castro, 2018). Outro conceito decorrente destas críticas configura-se a partir do que é chamado de Masculinidade Frágil, a qual teria como pilar a necessidade de uma constante reafirmação de um comportamento intempestivo e truculento.

Dunker (2020) nos informa que a masculinidade frágil chama duas ideias contrárias: num primeiro sentido, poderíamos pensar que ela é aquela masculinidade que está acuada pelas transformações pelas quais passou o lugar da mulher; aquela que não consegue mais encontrar o seu lugar; que não sabe qual é o roteiro/*script* para, de fato, se constituir como uma figura viril; aquele homem que estaria meio perdido. Frágil, portanto, teria esse primeiro sentido. Um segundo sentido apontaria para as masculinidades frágeis que se apresentam como excessivamente fortes; que não suportam a sua própria fragilidade/vulnerabilidade; que entendem todas

essas transformações como ameaça narcísica por perda de poder, como se fossem uma afronta à sua potencial capacidade de violência.

Diante disso, o sujeito lida mal com o que ele percebe como uma incerteza, uma fragilidade, como uma transformação da identidade dos papéis. Ele reage exageradamente, quase que voltando a estereótipos que nem pertencem muito bem à nossa época. Nesse sentido, para o autor, a masculinidade frágil indicaria o anseio por voltar ao tempo em que havia “ordem”, hierarquia. Ela seria, assim, um efeito da violência sofrida na educação, do sujeito em relação a si mesmo, da privação de afetos, da domesticação e controle do seu corpo (Dunker, 2020).

E assim chego ao ponto que quero propor para nosso debate. Em meus passeios pelos textos de autores que recentemente publicaram sobre a masculinidade, encontrei o termo Masculinidade Cuir (ou *Queer*), que me remonta ao meu discurso na Abertura do Congresso da IPA de Boston, onde mencionei o conceito *Queer* e fui absolutamente ignorado por todos, menos pelo meu colega Marco Posadas, que mais adiante terminaria por ser o primeiro *Chair* do *Sexual and Gender Diversity Committee* da IPA. O termo *Queer*, na época (há pouco), ainda estava fortemente ligado à ideia de algo fora da norma, ao patológico. Hoje, podemos estender o conceito de *Queer* às masculinidades, e até, como propôs Brito (2021), naturalizá-lo para Cuir.

Mas por que propor uma masculinidade Cuir?

Perspectivas pós-estruturalistas levam alguns autores a defender que “a hegemonia supõe o caráter aberto e incompleto do social” (Laclau; Mouffe, 2015, p. 213). A hegemonia seria, portanto, um processo no qual determinadas condições discursivas assumiriam, num momento, o lugar do todo ou de uma verdade a ser seguida por todos. Esses discursos hegemônicos não podem ser pensados como totalmente estabelecidos, mas como aqueles que lutam para atingir um maior número possível de adeptos. Tais lutas não se dariam sem oposições, tanto no campo social, como no interior do próprio sujeito.

Rodrigues (2009) propõe que se pense na dificuldade de se formar uma identidade estável na medida em que tomemos em conta o sujeito

descentrado, isto é, aquele que abriga em si um outro que o aliena. Tomando a noção derridiana, Brito (2021) afirma que a

masculinidade como um indecível permite que se atribua um viés antiesencialista a seus sentidos, um movimento de deslocamento permanente, que não estabelece um lugar único e fixo para o masculino. Um deslizamento radical das solidificações e sedimentações de sentidos sobre a masculinidade. (p. 6)

A teoria *Queer/Cuir* se ancora nesses postulados para propor uma “instabilidade radical de sentidos para as identificações de sexo, gênero e desejo” (Brito, 2021, p. 9). Nela, a desconstrução da categoria sujeito busca alijar as definições fixas tanto do desejo como de seu objeto para pensar os caminhos de subjetivação que cada um iria tomar:

Como uma nova política de gênero, a teoria *queer* dá sentido à centralidade da dissonância entre gênero e sexualidade, demonstrando possibilidades para que a sexualidade não seja constrangida pelo gênero, de modo a romper a causalidade reducionista de argumentos que vinculam as duas categorias e mostrar possibilidades para o gênero que não estejam predeterminadas por uma matriz heterossexual. (Butler, 2012, apud Brito, 2021, p. 9)

A masculinidade Cuir seria, portanto, aquela pensada em uma perspectiva que:

reconheça significações do masculino para além do essencialismo binário, heterossexual, cisgênero, racializado e classista, materializando essa performatização em corpos de sujeitos que se identificam como homens cis, trans, não binários, pretos, pardos, deficientes, de diferentes classes sociais, regionalidades, entre outras incalculáveis identificações. É reconhecer as contingências, a precariedade, a imprevisibilidade e a instabilidade com que a masculinidade é significada e materializada na contemporaneidade. (Brito, 2021, p. 10)

Visando uma desestabilização de uma identidade fixa para o homem, a masculinidade Cuir propõe uma amplificação do desejo como própria do ser humano. Nela, cada um poderia se descolar das normas socioculturais que o limitam, para não apenas buscar a pluralidade e a multiplicidade, mas também acolher dentro de si as inúmeras contradições identitárias que o constituem. Aqui, é possível notar como tal proposta se aproxima da formulação, já descrita acima, do Sexual (Laplanche, 2003/2015) como objeto princeps da psicanálise.

Ainda segundo Brito (2021):

A masculinidade *queer/cuir/kuir* se traduz em um horizonte que nega as estabilizações sedimentadas e que são forçosamente impostas para o masculino. Enuncia performatizações que jamais se cristalizam, valendo-se dessa instabilidade radical para potencializar identificações inumeráveis do masculino, almejando a desidentificação como estratégia política potencializadora para afirmar a diferença sobre as significações da masculinidade. (p. 10)

Dentro do ponto de vista clínico, a Masculinidade Cuir implica uma escuta do desejo possível para cada analisando. Neste sentido, é interessante citar a leitura de Birman (1998), segundo a qual toda análise deveria possibilitar a constituição de circuitos pulsionais ligados a um campo de objetos de satisfação, fazendo com que seja possível a simbolização das forças pulsionais em representantes-representação. A partir disso, constitui-se como a condição *sine qua non* para a transformação da angústia do real em angústia do desejo, impossibilitando, pois, a instalação do horror do trauma.

O último autor ainda enuncia que o grande desafio com o qual o sujeito se depara em uma análise é a possibilidade de conseguir permanecer e suportar a dor provocada pela posição de desamparo e de feminilidade. Dessa forma, enunciar a posição radical do sujeito, no limite do desamparo e da feminilidade, seria outra forma de formular o efeito da experiência de castração na análise (Birman, 1998). Entretanto, ao ser colocado nessa posição limite, entre a vida e a morte, o sujeito pode constituir efetivas

possibilidades de sublimação e de criação, através da construção de uma forma singular de existência e de um estilo próprio para habitar seu ser. Por estilo próprio, leia-se Cuir!

Por una Masculinidad Cuir/Queer

Resumen: Con el propósito de estudiar las diversas transformaciones culturales ocurridas en la noción de masculinidad, el autor repasa términos como Masculinidad Tóxica, Masculinidad Positiva, Masculinidad Hegemónica y Masculinidad Frágil, para desembocar en la proposición, hecha por Brito, de Masculinidad Cuir (o Queer). Esta propuesta se ancla en un intento, ya formulado por varios autores psicoanalíticos, de oponerse al binarismo de algunos postulados para afirmar hitos fundantes a partir de la pluralidad, la imprevisibilidad y el descentramiento de un camino analítico. En este sentido, se busca una profundización de la distinción diferencia/diversidad/multiplicidad como base para una escucha analítica que permita la emergencia de un sujeto ajeno a definiciones fijas y cristalizantes. La noción de Masculinidad Queer/Cuir, además de provenir de una cultura más descolonizada, propone una amplificación del deseo como característica del ser humano, capaz de aceptar en sí mismo las innumerables contradicciones identitarias que lo constituyen. Estos postulados estarían de acuerdo con una escucha analítica propia del sujeto descentrado, capaz de constituir posibilidades efectivas de sublimación y creación, a través de la construcción de una forma única de existencia y un estilo propio para habitar su ser.

Palabras-clave: masculinidad, queer, psicoanálisis, estudios de género, diversidad

For a Cuir/Queer Masculinity

Abstract: With the purpose of studying the various cultural transformations that occurred in the notion of masculinity, the author makes a journey through terms such as Toxic Masculinity, Positive Masculinity, Hegemonic Masculinity, and Fragile Masculinity, to lead to the proposition, made by Brito, of Cuir (or Queer) Masculinity. This proposal is anchored in an

attempt, already formulated by several psychoanalytic authors, to oppose the binarism of some postulates to affirm founding landmarks based on the plurality, unpredictability, and de-centering of an analytical process. In this sense, a deepening of the difference/diversity/multiplicity distinction is sought as a basis for an analytical listening that allows the emergence of a subject oblivious to fixed and crystallizing definitions. The notion of Cuir Masculinity, in addition to coming from a more decolonized culture, proposes an amplification of desire as characteristic of human beings, capable of accepting within itself the countless identity contradictions that constitute it. These postulates would be in accordance with an analytical listening proper to the de-centered subject, capable of constituting effective possibilities of sublimation and creation, through the construction of a unique form of existence and of a style of his own to inhabit his being.

Keywords: masculinity, queer, psychoanalysis, gender studies, diversity

Referências

- Ayouch, T. (2019). *Psicanálise e hibridez: gênero, colonialidade e subjetivações*. Calligraphie.
- Birman, J. (1998). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Civilização Brasileira.
- Brito, L. T. (2021). Da masculinidade hegemônica à masculinidade *queer/cuir/kuir*: disputas no esporte. *Revista Estudos Feministas*, 29(2), e79309.
- Butler, J. (2012). *Deshacer el género*. Paidós.
- Castro, D. (2018). Ainda não sabemos se gays são bem-aceitos no vôlei, diz destaque da seleção. *Folha de São Paulo* [online]. Recuperado em 28 de setembro de 2021, de <https://bit.ly/2N24s3u>
- Connell, R. W. (2011). *Masculinities*. Polity Press. (Trabalho original publicado em 1995)
- Connell, R. W. & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282 [online] v. Recuperado em 21 de setembro de 2021, de <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Dunker, C. & Bonduki, N. *A masculinidade frágil*. (58m30s). Recuperado em 21 de setembro de 2021, de <<https://www.facebook.com/christiandunkerprofessor/videos/338819143967379>>

- Aarieh, A. T. (2021). *Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul*. Entenda o que é “Masculinidade Positiva”, tema do Prêmio de Jornalismo do TJMS. Recuperado em 21 de setembro de 2021, de <https://tjms.jusbrasil.com.br/noticias/783081781/entenda-o-que-e-masculinidade-positiva-tema-dopremio-de-jornalismo-do-tjms>
- Laclau, E. & Mouffe, C. (2015). *Hegemonia e estratégia socialista*. Intermeios.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Dublinense, (Trabalho original publicado em 2003)
- Muszcak, S. (2006). *Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero*. Dissertação de Mestrado sob orientação do Prof. Dr. Nelson da Silva Jr., Instituto de Psicologia.
- Rodrigues, C. (2009). *Coreografias do feminino*. Mulheres.
- Verztman, J. S.; Cubria, A. C. & Navega, B. C. (2022). Diferença sexual e norma social: certas encruzilhadas para a psicanálise. In M. C. Poli; F. Costa-Moura & M. Mollica. (Orgs.). *Fora do armário: a realidade sexual do inconsciente, 1*, 183-200. Appris.
- Wikipedia (2021). Masculinidade. *A enciclopédia livre*. Wikimedia Foundation. Recuperado em 28 de setembro de 2021, de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Masculinidade>

Sergio Eduardo Nick
sergionick22@gmail.com